



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

VRADEMIR MARCOS DA SILVA

**ANÁLISE DO PERSONAGEM SANTIAGO EM O VELHO E O MAR SOB A ÓTICA
DA JORNADA DO HERÓI**

**CAMPINA GRANDE
2024**

VRADEMIR MARCOS DA SILVA

**ANÁLISE DO PERSONAGEM SANTIAGO EM O VELHO E O MAR SOB A ÓTICA
DA JORNADA DO HERÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Letras Inglês, da Faculdade de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Ms. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Vrademir Marcos da.
Análise do personagem Santiago em O velho e o mar sob a ótica da jornada do herói [manuscrito] / Vrademir Marcos da Silva. - 2024.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Arquétipos na literatura. 2. Análise literária. 3. Narrativa.
4. Literatura. I. Título

21. ed. CDD 801.95

VRADEMIR MARCOS DA SILVA

**ANÁLISE DO PERSONAGEM SANTIAGO EM O VELHO E O MAR SOB A ÓTICA DA
JORNADA DO HERÓI**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao curso de
Letras Inglês, da Faculdade de
Linguística, Letras e Artes, da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial a obtenção do
título de graduado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em 19 / 06 / 2024

Média: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Thiago Almeida Cunha

Prof. Me Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Johnny Glaydson dos Santos Tavares

Prof. Me. Johnny Glaydson dos Santos Tavares

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Prof. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	QUEM FOI ERNEST HEMINGWAY	07
2.1	O livro O velho e o mar	08
2.2	Quem foi o personagem Santiago	09
3	CONCEITUALIZAÇÃO DO TERMO “ARQUETIPO” PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DE UMA NARRATIVA	11
3.1	O herói.....	13
3.2	A jornada do herói.....	14
4	A ODISSEIA DE SANTIAGO: DESVENDANDO A JORNADA DO HERÓI EM 'O VELHO E O MAR' DE HEMINGWAY	16
4.1	Mundo comum.....	16
4.2	Chamado à aventura	18
4.3	Recusa ao chamado.....	19
4.4	Encontro com o Mentor	20
4.5	Travessia do primeiro Limiar	21
4.6	Testes, aliados e inimigos	22
4.7	Aproximação da Caverna oculta.....	22
4.8	Provação	23
4.9	Recompensa	24
4.10	O caminho ao mundo comum	25
4.11	Ressurreição.....	26
4.12	Retorno com o elixir.....	27
5	METODOLOGIA	28
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	30

ANÁLISE DO PERSONAGEM SANTIAGO EM O VELHO E O MAR SOB A ÓTICA DA JORNADA DO HERÓI

Vrademir Marcos da Silva*

RESUMO

No trabalho intitulado “Análise do personagem Santiago em *O velho e o mar* sob a ótica da jornada do herói”, é analisada a representação das etapas da jornada do herói, conforme descritas por Joseph Campbell (2007) e adaptadas por Christopher Vogler (2006), na obra de *O velho e o Mar*, de Ernest Hemingway (2022). Os objetivos específicos são: Elucidar as fases da jornada do herói na trajetória do personagem Santiago, enfatizando eventos e momentos cruciais que ilustram seu caminho em direção ao autoconhecimento e à redenção; e examinar o símbolo da ave, peixe e elementos religiosos que compõem a narrativa. Optou-se por uma metodologia baseada em análise de conteúdo textual e pesquisa bibliográfica, enfatizando aspectos qualitativos segundo os pensamentos de Flick (2007), Gerhardt e Silveira (2009) e Moreira e Caleffe (2008). A análise detalhada de *O Velho e o Mar* concentrou-se em identificar as fases da jornada do herói e os símbolos presentes na história. Os resultados evidenciaram que a jornada de Santiago reproduz a estrutura do monomito de Campbell, que diz respeito à batalha, ao autoconhecimento e à redenção do protagonista. O estudo aponta a universalidade da jornada do herói e sublinha a importância dos arquétipos na literatura, oferecendo uma compreensão mais profunda das obras de Hemingway.

Palavras-chave: O velho e o mar; Santiago; Jornada do Herói; Joseph Campbell; Arquétipos.

ABSTRACT

In the paper entitled "Analysis of the Character Santiago in The Old Man and the Sea from the Perspective of the Hero's Journey," the representation of the stages of the hero's journey, as described by Joseph Campbell (2007) and adapted by Christopher Vogler (2006), is analyzed in Ernest Hemingway's work *The Old Man and the Sea* (2022). The specific objectives are: to elucidate the phases of the hero's journey in the trajectory of the character Santiago, emphasizing crucial events and moments that illustrate his path toward self-knowledge and redemption; and to examine the symbols of birds, fish and religious elements that compose the narrative. A methodology based on textual content analysis and bibliographic research was chosen, emphasizing qualitative aspects according to the thoughts of Flick (2007), Gerhardt and Silveira (2009), and Moreira and Caleffe (2008). The detailed analysis of *The Old Man and the Sea* focused on identifying the phases of the hero's journey and the symbols present in the story. The results showed that Santiago's journey in *The Old Man and the Sea* reproduces Campbell's monomyth structure, relating to the protagonist's battle, self-knowledge, and redemption. The study highlights the universality of the hero's journey and underlines the importance of archetypes in literature, offering a deeper understanding of Hemingway's works.

Keywords: The Old Man and the Sea; Santiago; Hero's Journey; Joseph Campbell; Archetypes.

1 INTRODUÇÃO

A análise dos personagens em obras literárias tem sido um espaço em constante expansão, especialmente nos últimos anos. Aprofundar-se nos protagonistas e em suas jornadas narrativas é essencial para desvendar as camadas das histórias e para revelar as mensagens impactantes que estão por trás do que foi expresso pelo autor. Paralelamente, as teorias e estudos sobre análise do texto literário têm proporcionado valiosas ferramentas para interpretação mais rica e abrangente das obras.

Joseph Campbell escreveu, no seu livro “O Herói de Mil Faces” de (1949), um estudo teórico que ficou bastante conhecido como “A jornada do herói”. Esse modelo narrativo identifica uma série de fases pelas quais um herói mítico passa na sua jornada, desde o chamado à aventura até o seu retorno, transformando seu mundo cotidiano. A trajetória da história pode ser melhor compreendida através desse arco narrativo, que proporciona uma estrutura analítica para acompanhar sua evolução.

Ao entender as diferentes etapas da jornada do herói em um trabalho literário, é possível apreciar melhor a estrutura narrativa e como os personagens se transformam. No fim das contas, essa análise auxilia estudiosos da área, escritores e críticos a entenderem como os personagens se enquadram ou quebram as expectativas arquetípicas, contribuindo para avaliar sua complexidade e evolução ao longo da história. Além disso, ressaltamos que foram incluídas as contribuições de Christopher Vogler (2006) que se baseiam nas ideias de Joseph Campbell.

Dentro do universo literário, uma obra que se destaca pela profundidade do seu personagem principal e pela riqueza da sua narrativa é *O velho e O Mar* (1952), do renomado escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961). Esse livro oferece um retrato vívido da jornada solitária e desafiadora do pescador Santiago, que enfrenta o oceano de desafios na sua aventura de pescaria. Diante desse cenário, o objetivo geral deste trabalho é propor uma análise da trajetória do personagem Santiago, na obra “O Velho e o Mar”, à luz da jornada do herói proposta por Campbell.

Esta pesquisa tem como objetivos específicos: a) elucidar como as etapas da jornada do herói são representadas na obra de Ernest Hemingway, destacando eventos e momentos-chaves que refletem a jornada de Santiago rumo à autodescoberta e à redenção; b) examinar o símbolo da ave, peixe e elementos religiosos presentes na narrativa.

A escolha de analisar *O Velho e o Mar* a partir da jornada do herói de Campbell se justifica pela relevância e profundidade dessa obra na literatura mundial. Ernest Hemingway, um dos grandes nomes da literatura do século XX, criou um personagem icônico em Santiago, cuja jornada solitária e desafiadora desperta reflexões sobre coragem, perseverança e redenção. A jornada do herói é um tema que permeia a literatura mundial, encontrada em mitos, contos de fadas e narrativas épicas ao longo dos tempos. A aplicação dessa estrutura narrativa na análise de obras literárias contemporâneas oferece uma nova perspectiva para compreender as motivações e transformações dos personagens, bem como para explorar os temas universais presentes nas narrativas.

Para alcançar os objetivos pretendidos, esta pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, segundo a visão de Flick (2009), Gerhardt e Silveira (2009) e Moreira e Caleffe (2008), utilizando a análise textual como principal método. Essa pesquisa também é bibliográfica, de acordo com os estudos de Gil (2008). São realizadas leituras detalhadas de “O Velho e o Mar”, com foco na identificação das etapas da jornada do herói, dos elementos simbólicos e do contexto sócio-histórico-cultural da

obra. Além disso, foram consultadas obras teóricas e críticas relacionadas à jornada do herói, ao simbolismo na literatura e ao contexto de criação da obra de Ernest Hemingway. A análise cuidadosa desses elementos permitiu uma compreensão mais profunda e abrangente da jornada de Santiago, bem como das mensagens simbólicas que Ernest Hemingway incorporou na sua obra.

2 QUEM FOI ERNEST HEMINGWAY

Um dos escritores mais célebres do século XX foi Ernest Hemingway, conhecido por seu estilo de escrita conciso e direto, e suas aventuras de vida que, muitas vezes, influenciaram sua obra. A biografia escrita por Carlos Baker (1969), um dos mais respeitados estudiosos de Hemingway, fornece uma visão abrangente da vida e carreira desse autor. Em 21 de julho de 1899, Ernest Miller Hemingway nasceu em Oak Park, Illinois, que é um subúrbio de Chicago. Ele era o filho do meio de Clarence Edmonds Hemingway, um médico, e Grace Hall Hemingway, uma musicista e professora. Desde uma idade precoce, Hemingway teve contato com atividades ao ar livre, como pescaria e caça, as quais, posteriormente, se tornaram temas centrais em muitos de seus escritos.

Durante sua juventude, Hemingway se apaixonou pela leitura e escrita, escrevendo artigos para o jornal da escola. Depois de se formar no ensino médio, iniciou sua carreira como jornalista no Kansas City Star, onde aprendeu a importância da clareza e precisão na escrita, um princípio que influencia seu estilo literário. Enquanto a Primeira Guerra Mundial estava acontecendo, Hemingway atuou como motorista de ambulância para a Cruz Vermelha na Itália. Ele ficou gravemente ferido na frente de batalha e precisou de um longo período para se recuperar.

A marca deixada por esta experiência de guerra em Hemingway foi profunda e influenciou fortemente suas obras posteriores, como "Adeus às Armas" (1929). Depois da guerra, Hemingway voltou para os Estados Unidos, mas, em seguida, mudou-se para Paris e juntou-se à comunidade de escritores expatriados conhecida como a "Geração Perdida". Com a orientação de Gertrude Stein, ele melhorou seu estilo de escrita e começou a receber reconhecimento literário. Em 1925, seu primeiro livro de contos, "In Our Time", foi elogiado pela crítica e consolidou sua reputação.

Em 1926, "O Sol Também Se Levanta" foi publicado por Hemingway, um romance que capturou o espírito de desilusão pós-guerra de sua geração. A obra foi bem-sucedida e confirmou seu *status* como um dos principais escritores da sua era. Durante esse tempo, ele também participou de vários relacionamentos tumultuados e casamentos que, frequentemente, geravam tensão em sua vida pessoal e no trabalho. Hemingway foi prolífico na década de 1930. Ele seguiu escrevendo romances, contos e reportagens. Sua fascinação pela coragem e pelo desafio diante da morte foi refletida em seu trabalho "Morte à Tarde", que trata da tourada espanhola. Hemingway também se mostrou profundamente interessado na caça de grandes animais na África, o que resultou em livros como "As Verdes Colinas da África".

Hemingway foi para a Espanha como correspondente de guerra quando eclodiu a Guerra Civil Espanhola. O romance "Por Quem os Sinos Dobram", publicado em 1940, é considerado um dos trabalhos mais poderosos e bem-sucedidos do autor, sendo inspirado pela sua experiência no conflito. No contexto da guerra, esse livro aborda os temas de amor, coragem e sacrifício. Hemingway retornou ao campo de batalha como correspondente durante a Segunda Guerra Mundial. Ele esteve envolvido em missões na Europa e registrou suas vivências. Depois da guerra, ele

lançou "O Velho e o Mar" em 1952, um trabalho notável que lhe valeu o Prêmio Pulitzer e, mais tarde, ajudou-o a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura em 1954.

Embora tenha tido sucesso literário, Hemingway enfrentou problemas de saúde e depressão durante a maior parte de sua vida. Em 1954, ele passou por vários acidentes, incluindo dois acidentes de avião, que pioraram suas condições física e mental.

Suas lutas pessoais frequentemente se refletiam em sua escrita, cujos temas de luta e resiliência eram comuns. Hemingway também possuía uma relação complicada com a fama e a crítica literária. Apesar de ter sido amplamente celebrado, ele também recebeu críticas por causa de seu estilo de vida e abordagem literária. Apesar disso, ele continuou a ser uma figura influente e controversa no mundo literário até falecer.

Em Ketchum, Idaho, Hemingway viveu seus últimos anos e continuou a escrever, apesar de sua saúde estar em declínio. Ele intensificou sua luta contra a depressão, levando-o a buscar tratamento médico que incluiu terapia eletroconvulsiva. Ele cometeu, infelizmente, suicídio em 2 de julho de 1961, deixando um legado duradouro na literatura americana e mundial.

2.1 O livro "O velho e o mar"

Essa obra narra a luta épica de Santiago, um velho pescador cubano, contra um gigantesco peixe de mais de 5 metros, oferecendo uma profunda reflexão sobre a resistência humana e a relação do homem com a natureza.

A narrativa se passa em uma pequena vila de pescadores em Cuba, onde Santiago, após 84 dias sem capturar um peixe, decide aventurar-se ainda mais ao mar. A sua persistência e determinação são características marcantes que refletem o espírito humano diante das adversidades. Como observa Baker (1969), Hemingway utiliza Santiago para simbolizar a luta eterna e heroica do ser humano contra os desafios da vida. A relação entre Santiago e o mar é central na narrativa. Hemingway descreve o mar não apenas como um cenário, mas como um personagem com o qual Santiago interage e luta. A personificação do mar destaca-se em passagens onde o velho fala com o mar como se este fosse um velho amigo. Segundo Broer (1988), o mar representa tanto o desafio quanto a fonte de sustento e inspiração para Santiago.

A luta de Santiago com o peixe-espada é a parte mais dramática da história, ocupando grande parte da narrativa. Esse conflito não é apenas físico, mas também espiritual. Santiago respeita o peixe como um adversário digno, referindo-se a ele como seu irmão. Como aponta Meyers (1985), essa luta simboliza a busca do homem por propósito e valor na vida. Hemingway utiliza uma linguagem simples e direta, característica de seu estilo conhecido como "a teoria do iceberg", que, segundo Reynolds (1999), a simplicidade de Hemingway esconde uma complexidade profunda, convidando o leitor a explorar os significados mais profundos da obra, ou seja, a profundidade emocional e filosófica da história está implícita, deixando para o leitor a tarefa de interpretar as camadas subjacentes da narrativa.

A obra foi amplamente aclamada pela crítica e recebeu o Prêmio Pulitzer em 1953. Esse reconhecimento confirmou a habilidade de Hemingway em capturar a essência da condição humana em uma narrativa aparentemente simples. De acordo com Griffin (2000), O Velho e o Mar é uma das maiores realizações de Hemingway, simbolizando a sua maestria na arte de contar histórias. Por outro lado, a recepção da crítica nem sempre foi unânime. Alguns críticos apontam a simplicidade excessiva como uma fraqueza. Como observa Bloom (2007), há quem veja na simplicidade de

Hemingway uma superficialidade que limita a profundidade emocional da obra. No entanto, tais críticas não diminuem o impacto duradouro da história.

A relação de Santiago com Manolin, o jovem aprendiz, adiciona uma dimensão de mentor e discípulo à narrativa. Manolin representa a esperança e a continuidade da tradição, contrastando com a velhice e a proximidade da morte de Santiago. Como sugere Donaldson (1996), a ligação entre Santiago e Manolin simboliza a passagem de sabedoria e a renovação da vida.

Além do aspecto simbólico, "O Velho e o Mar" é uma celebração da cultura cubana e da vida dos pescadores. Hemingway, que passou muitos anos em Cuba, conseguiu capturar a essência da vida e das tradições locais em sua narrativa. Segundo Kinnamon (2005), a obra é um tributo à resiliência e à dignidade dos pescadores cubanos. A obra de Hemingway é, muitas vezes, vista através da lente da crítica psicanalítica, que interpreta a luta de Santiago como uma expressão dos conflitos internos do autor. De acordo com Brenner (1964), os desafios enfrentados por Santiago podem ser vistos como uma metáfora dos conflitos psicológicos de Hemingway.

A crítica feminista também oferece uma perspectiva interessante sobre "O Velho e o Mar", explorando a ausência de personagens femininos e a representação da masculinidade. Bem como observa Spilka (1982), a obra reflete uma visão tradicional e idealizada da masculinidade, onde a força e a resistência são exaltadas.

Hemingway recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1954, em grande parte, devido ao impacto de "O Velho e o Mar". A academia reconheceu sua "maestria na arte da narrativa" e a influência que ele exerceu no estilo contemporâneo (ACADEMIA SUECA, 1954). Este prêmio solidificou o legado de Hemingway como um dos grandes escritores do século XX.

Em suma, "O Velho e o Mar" é uma obra que transcende o tempo e o espaço, oferecendo uma meditação profunda sobre a condição humana, a luta contra as adversidades e o respeito pela natureza. Através da figura de Santiago, Hemingway criou um personagem universalmente reconhecido e admirado, cuja história continua a inspirar e emocionar leitores em todo o mundo.

2.2 Quem foi Santiago

Santiago, o pescador solitário e protagonista da obra "O Velho e o Mar", é uma figura emblemática da literatura do século XX, criada pelo supracitado escritor. Nessa obra, publicada em 1952, Hemingway nos apresenta a história de um homem simples, porém extraordinário, que enfrenta não apenas os desafios do mar, mas também a batalha consigo mesmo e com a natureza.

O velho era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios do sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente (Hemingway, 2022, p. 13-14).

O Velho Santiago é idoso, experiente em seu ofício, residente de um pequeno vilarejo cubano, cuja vida se entrelaça intimamente com o oceano. Durante semanas, ele enfrenta a má sorte e o silêncio angustiante dos seus dias de pesca infrutíferos. Apesar das dificuldades e da descrença dos outros pescadores do seu vilarejo, Santiago persiste, demonstrando uma coragem e uma determinação inabaláveis. O

seu desejo de provar a si e aos outros que ainda é capaz de trazer um grande peixe, depois de muitas jornadas sem sucesso, leva-o a uma incrível aventura marítima, um desafio que irá testar não apenas as suas habilidades como pescador, mas também a sua resistência física e emocional: em uma dessas viagens, ele se depara com um enorme e majestoso peixe-espada, marlim.

Essa trajetória de vida pode ser vista como uma manifestação do processo de individuação, que é a jornada pela qual um indivíduo se torna consciente e integrado, reconhecendo e unificando diferentes partes de sua personalidade, incluindo o inconsciente (Jung, 2022). Santiago representa o ego consciente do autor, enquanto o mar simboliza o vasto e desconhecido inconsciente. A luta de Santiago contra o peixe é uma metáfora para a luta de Hemingway para integrar e compreender aspectos de seu próprio inconsciente.

Hemingway, assim como Santiago, estava em uma busca constante pela totalidade. Suas muitas aventuras e sua busca por experiências intensas podem ser vistas como tentativas de explorar e integrar diferentes aspectos de sua psique. Hemingway não se contentava com uma vida comum. Ele buscava constantemente desafios que o fizessem confrontar seus próprios limites e descobrir novas facetas de si mesmo.

Jung (2022) afirma que o confronto com crises é essencial para o processo de individuação. Ele afirma que a individuação é um processo de desenvolvimento e realização do verdadeiro eu, em que uma pessoa integra os diversos elementos da sua personalidade sejam eles conscientes ou inconscientes numa união harmoniosa. Para desenvolver esse processo, é necessário ter uma compreensão profunda de si próprio, lidar e aceitar as partes obscuras da mente que são reprimidas e desconhecidas, bem como integrar os opostos internos como a consciência e inconsciência. Quando se utiliza símbolos e sonhos para entrar no inconsciente, a pessoa vivencia uma constante transformação em busca de equilíbrio interno e autenticidade genuína.

Hemingway enfrentou inúmeras crises ao longo de sua vida, desde ferimentos de guerra até crises pessoais e de saúde. Essas experiências traumáticas e desafiadoras foram catalisadoras para sua individuação, forçando-o a confrontar e integrar aspectos sombrios e reprimidos de sua psique. Santiago, em sua luta solitária contra o marlim, enfrenta uma crise monumental que o força a descobrir sua força e resiliência interiores.

A obra de Hemingway está repleta de simbolismo que pode ser interpretado à luz do pensamento junguiano. O mar em "O Velho e o Mar" é um poderoso símbolo do inconsciente, vasto e misterioso. O marlim pode ser visto como um arquétipo que representa um desafio crucial ou uma parte significativa da psique que precisa ser integrada. A luta de Santiago contra o peixe simboliza a jornada heroica do ego para dominar e assimilar os conteúdos do inconsciente (Jung, 2022).

Hemingway, muitas vezes, retratou-se e foi retratado como um herói em suas aventuras, um reflexo do arquétipo do herói descrito por Jung. O herói é uma figura arquetípica central no processo de individuação, representando a luta para superar desafios e alcançar a totalidade (Jung, 2022). Santiago, em sua batalha épica, encarna esse arquétipo, lutando não apenas contra o peixe, mas também contra a solidão, o cansaço e a desesperança.

De acordo com Mellow (1992), a figura de Santiago pode ser vista como uma representação das batalhas pessoais e profissionais de Hemingway. No decorrer da história, somos guiados pela profunda introspecção de Santiago, que reflete sobre a sua vida, seus sonhos, seus arrependimentos e a sua relação com o mar, que é tanto

sua fonte de sustento quanto o seu campo de batalha. Através das palavras de Hemingway, somos transportados para as águas azuis e turbulentas do Golfo de Havana, onde o velho pescador luta não apenas pela captura do peixe, mas também pela sua própria dignidade e respeito.

3 CONCEITUALIZAÇÃO DO TERMO “ARQUÉTIPO” PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DE UMA NARRATIVA

Segundo Carl G. Jung (2022), o termo "arquétipos" pode ser usado para designar padrões universais de imagens e temas que emergem do inconsciente coletivo e são comuns a todas as culturas. Esses arquétipos são modelos primordiais que influenciam a maneira como os indivíduos percebem e interpretam o inconsciente coletivo, manifestando-se em mitos, sonhos, e narrativas literárias (Jung, 2022).

Essa representação de um padrão ou processo de pensamento são coleções inconscientes, representando possibilidades herdadas e imagens semelhantes. A ideia de arquétipo surge de uma observação contínua dos mitos e lendas da literatura mundial com diferentes temas que estão constantemente emergindo em todo o mundo. Jung (1959) também ressalta que eles são como pedaços de nós mesmos, padrões profundos que reverberam através das culturas e épocas enraizados no inconsciente coletivo da humanidade.

Para Jung (2022), arquétipos são como velhos conhecidos que encontramos em diferentes formas, mas sempre reconhecíveis. Pense no arquétipo do “Herói”. Ele não é apenas aquele personagem corajoso que enfrenta desafios épicos em busca de um tesouro ou para salvar o mundo. É também a parte de nós que sente o chamado para a aventura, que encara os medos e incertezas para buscar algo significativo para nossa comunidade (Campbell, 2007). É o Harry Potter moderno ou o lendário Gilgamesh, da antiga Mesopotâmia, cada um em sua jornada, mas ambos ecoando os mesmos anseios humanos. Jung (2002, p. 91) também ressalta que:

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que *uma facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as idéias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto*. No tocante ao caráter determinado da forma, é elucidativa a comparação com a formação do cristal, na medida em que o sistema axial determina apenas a estrutura estereométrica, não porém a forma concreta do cristal particular. Este pode ser grande ou pequeno ou variar de acordo com o desenvolvimento diversificado de seus planos ou da interpenetração recíproca de dois cristais.

Dessa forma, Jung investiga particularmente a essência dos arquétipos enquanto figuras primárias e abstratas que influenciam os pensamentos representados na mente. Ele insiste que o que é transmitido através dos arquétipos não é uma ideia específica, mas, sim, uma forma existente que afeta os instintos e a compreensão humana. Além disso, ele compara os arquétipos à estrutura do cristal, enfatizando que como a estrutura axial determina a estrutura estereométrica do cristal, os arquétipos fornecem o modelo básico para a manifestação da mente, mas não definem sua natureza. Essa comparação entre arquétipos e formações cristalinas fornece uma perspectiva interessante sobre a natureza da mente humana e sua expressão simbólica.

Outro olhar sobre a mesma temática ressalta que os arquétipos são como aquelas figuras antigas que encontramos nos contos de fadas da nossa infância, mas eles são muito mais do que simples personagens de histórias. Von Franz, no livro “A interpretação do inconsciente coletivo”, de 1990, ressalta que:

Parece-me que as histórias arquetípicas se originam, frequentemente, nas experiências individuais através da irrupção de algum conteúdo inconsciente, que podem surgir em sonhos ou em alucinações em estado de vigília. Algum evento ou alguma alucinação coletiva acontece, e então, o conteúdo arquetípico irrompe na vida de um indivíduo. Isto é sempre uma experiência numinosa. Nas sociedades primitivas praticamente nenhum segredo é guardado; então essa experiência é sempre comentada, ampliando-se por outros temas folclóricos existentes que a completam. Então, ela se desenvolve tanto quanto um boato (Von Franz, 1990, p. 22).

Louse Von Franz (1990) destaca que a origem das histórias arquetípicas como provenientes das experiências individuais, nas quais o conteúdo dos inconscientes pode emergir por meio dos sonhos ou alucinações. Ao mencionar que esses eventos podem ser tanto individuais quanto coletivos, a autora aponta para a influência dos mitos e temas folclóricos pré-existentes na aplicação e desenvolvimento dessas narrativas. A ideia de que tais experiências são comentadas e se transformam em “boatos” na sociedade primitiva sugere um processo de compartilhamento e evolução das histórias arquetípicas ao longo do tempo. A partir do exposto, defendemos que a literatura confere um espaço para que estas figuras manifestadas oriundas do inconsciente coletivo se manifestem tanto através da criação dos personagens e a sua interação, quanto na produção de um enredo em uma obra literária, de modo semelhante aos sonhos.

E o que dizer do arquétipo da "Mãe"? Ela não é apenas a figura materna que nos embalou nos braços quando éramos pequenos. Ela é, também, a expressão do cuidado, da nutrição e da compaixão que todos nós, de alguma forma, procuramos e precisamos (Von Franz, 1990). Ela está lá na história da Branca de Neve, com seu amor protetor, assim como nas divindades maternas que encontramos em diferentes culturas ao redor do mundo.

Jung nos diz que esses arquétipos não são apenas personagens em nossas histórias, mas são parte integrante de quem somos. Eles moldam nossos pensamentos, nossas emoções, nossos comportamentos, mesmo quando não estamos conscientes disso. São como instalações psíquicas, influenciando sutilmente as escolhas que fazemos, os relacionamentos que formamos e como vemos o mundo ao nosso redor (Jung, 2022).

E não podemos esquecer do arquétipo do "Velho Sábio", “aquele mentor sábio que aparece nos momentos cruciais, oferecendo palavras de sabedoria que iluminam o caminho do herói” (Campbell, 2007, p. 75). Ele pode ser Gandalf, personagem de ficção de "O Senhor dos Anéis", ou Dumbledore, diretor da escola de Magia e Bruxaria na saga “Harry Potter”. É o guia que todos nós desejamos encontrar em nossa jornada, alguém que compartilhe *insights* profundos que nos ajudam a crescer e a entender melhor a nós mesmos.

Ao mergulhar nos arquétipos, não estamos apenas explorando histórias antigas ou personagens fictícios. Estamos explorando as profundezas da psique humana, descobrindo conexões com nossa história coletiva e ganhando *insights* sobre as questões que todos nós, como seres humanos, enfrentamos em nossa jornada pela vida. E, no fundo, estamos nos reconhecendo nessas figuras atemporais, encontrando

partes de nós mesmos em cada herói, mãe ou sábio que cruzamos em nossas vidas, e também se manifestam através dos textos literários, através do olhar do escritor.

3.1 O herói

O herói, uma figura lendária e arquetípica que faz parte do imaginário humano há séculos, personifica a busca universal por significado, a valentia diante do desconhecido e a habilidade de superar desafios que parecem impossíveis. Desde as epopeias antigas até as histórias modernas, o herói tem sido o protagonista de incontáveis narrativas, refletindo as aspirações mais profundas e os desafios comuns enfrentados por todos nós. Na sua essência, o herói é alguém que se lança em uma jornada hesitante ou inconsciente no início, mas que, eventualmente, aceita o chamado para a aventura. Essa jornada não é apenas física, mas também uma jornada interior de autodescoberta e crescimento pessoal.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal —, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (Campbell, 2007, p. 28).

Então, podemos compreender que o herói se confronta com o desconhecido, seja na forma de criaturas lendárias, desafios emocionais ou territórios não explorados da mente humana. Ao longo de sua jornada, o herói passa por uma transformação profunda, uma espécie de renascimento que o deixa renovado e mais sábio do que antes. Ele emerge da jornada não apenas com um novo entendimento de si mesmo, mas também com uma nova visão do mundo ao seu redor. Esse renascimento simbólico é frequentemente retratado fisicamente, como a fênix que renasce das cinzas ou, metaforicamente, como a chegada da primavera após um longo inverno.

Exemplos clássicos de heróis são encontrados em inúmeras tradições mitológicas e literárias ao redor do mundo. Na mitologia grega, encontramos o valente Perseu, que enfrentou a Medusa para salvar a princesa Andrômeda. Na tradição nórdica, Thor, o deus do trovão, enfrentou gigantes e serpentes para proteger os reinos divinos e humanos. O herói não é apenas uma figura dos mitos antigos. Ele, também, habita as páginas dos livros e as telas do cinema moderno. Personagens como Luke Skywalker, da saga "Star Wars", ou Katniss Everdeen, de "Jogos Vorazes", representam o herói contemporâneo que enfrenta desafios épicos em cenários de ficção científica ou distopias futuristas.

O pensamento do psicanalista Carl Gustav Jung enfatiza que “não o basta ao primitivo ver o nascer e pôr do sol; esta observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento: o sol no seu curso representará o destino de um deus ou herói que, em última análise, habita na alma do homem” (Jung, 2002, p. 12).

Assim sendo, considerando as pesquisas acerca da evolução da humanidade, a história tem evidenciado a urgência do ser humano em reinventar lendas por meio da criação de guias, visionários, músicos, artistas, intérpretes. Em outras palavras, as

lendas preservaram até os dias atuais sua vitalidade marcante ao abordar os persistentes dilemas existenciais, sociais e éticos que ainda assolam a humanidade.

Além disso, o herói não se limita apenas ao gênero masculino: mulheres como Fa Mulan, personagem de um poema histórico chinês, que se disfarça de homem para lutar no exército de seu país; a Mulher Maravilha, primeira heroína dos quadrinhos da *Detective Comics (DC)*, inspirada nas amazonas; a princesa Daenerys Targaryen, personagem da saga literária *Game of Thrones* (posteriormente adaptada para TV), são exemplos de heroínas que desafiam convenções e inspiram gerações. A compreensão do arquétipo do herói não é apenas crucial para a psicologia, mas também para a literatura, arte e cultura em geral.

Sendo assim, a inclusão de heroínas nas narrativas literárias não só enriquece a literatura com diversas perspectivas, como também promove a igualdade de gênero ao destacar que as qualidades heróicas transcendem o gênero. Christopher Vogler também ressalta que:

Há Heróis de vários tipos, incluindo os que querem e não querem ser Heróis, os solitários e os solidários, os Anti-heróis, os Heróis trágicos e os catalisadores. Como todos os outros arquétipos, o conceito de Herói é muito flexível, e pode expressar muitos tipos diferentes de energia. Os Heróis podem se combinar com outros arquétipos e produzir híbridos, como o Herói Picaresco, ou podem vestir, provisoriamente, a máscara de outro arquétipo, e assim transformar-se num Camaleão, num Mentor ou em outros — até mesmo numa Sombra. Embora, geralmente, seja pintado como uma figura positiva, o Herói também pode expressar lados escuros ou negativos do ego. O arquétipo do Herói geralmente representa o espírito humano numa ação positiva, mas também pode mostrar as consequências da fraqueza ou a relutância em agir (Vogler, 2007, p. 57).

Em resumo, o herói é mais do que um personagem de histórias épicas ou filmes de aventura, ele é um símbolo poderoso do potencial humano para a coragem, a transformação e a inspiração. O herói, com todas as suas virtudes e falhas, é uma figura eterna que continua a nos fascinar e inspirar, lembrando-nos de que dentro de cada um de nós está a capacidade de ser valente, compassivo e verdadeiramente heroico.

3.2 A jornada do herói

Joseph Campbell, um mitólogo e escritor norte-americano, escreveu, em seu livro “O Herói de Mil Faces” (2007), um modelo narrativo que analisa e identifica padrões comuns em mitos e contos de fadas de diversas culturas. Esse modelo é conhecido como “A jornada do Herói”, esse padrão é um arcabouço para observar e analisar como se dá a estrutura da criação de um herói nas narrativas contadas ao redor do mundo e possibilitar *insights* para uma profunda observação da jornada humana de autoconhecimento, crescimento pessoal e transformação do ser. Campbell (2007) pontua que:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da

ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito (Campbell, 2007, p. 15).

Podemos ver um profundo sentido da importância da mitologia na história e cultura humana. Campbell argumenta que a mitologia não é apenas um mito, mas uma fonte de inspiração que afeta todos os aspectos da vida humana. Quando o mito é descrito como uma “abertura secreta” para o poder do mundo, sugere-se que essas histórias antigas não apenas refletem a realidade humana, como também conectam o homem ao universo. Em diferentes épocas e culturas, os mitos servem de base à religião, à filosofia, à arte, à ciência e à tecnologia, moldando não apenas as crenças individuais, como também a ordem social e mútua e o progresso humano. Nesse sentido, Campbell convida-nos a reconhecer a influência profunda e duradoura do mito em nossas vidas, desde os sonhos que preenchem nossas mentes até as complexas realizações culturais e intelectuais.

Portanto, através de explicações metafóricas, explorando o verdadeiro significado de figuras religiosas e mitos em várias histórias, Campbell embarca em uma viagem para revelar e partilhar com o leitor as verdades básicas que moldaram a humanidade ao longo da história, através das culturas antigas e modernas. Essa abordagem permite que o símbolo se expresse, fazendo uma conexão com o nosso inconsciente e com a parte mais profunda da nossa existência.

Campbell compreende que a Jornada do Herói passa por 17 estágios, alguns divididos em subseções: 1) Chamado à Aventura; 2) Recusa do Chamado; 3) O auxílio Sobrenatural; 4) A passagem pelo Primeiro Limiar; 5) O ventre da baleia; 6) O caminho de provas; 7) O encontro com a deusa; 8) A mulher como tentação; 9) A sintonia com o pai; 10) A apoteose; 11) A bênção última; 12) A recusa do retorno; 13) A fuga mágica; 14) O resgate com auxílio externo; 15) A passagem pelo limiar do retorno; 16) Senhor dos dois mundos e 17) Liberdade para viver (Campbell, 2007).

Ademais, Christopher Vogler, que ficou conhecido por sua interpretação e adaptação da Jornada do Herói, baseada na teoria de Joseph Campbell, em seu livro “A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores” (2006), sintetizou uma descrição dos arquétipos, simplificando o entendimento atual da jornada do herói, apresentando uma estrutura útil para escritores e artistas desenvolverem suas histórias de uma forma atraente e universal.

A Jornada do Herói de Christopher Vogler segue um cenário semelhante ao proposto por Campbell, mas com algumas diferenças e ênfases. Em seu comentário, Vogler descreve doze passos básicos reinterpretando os estágios propostos por Campbell, os quais o herói segue ao longo de sua jornada. Segundo Vogler (2006), esses passos seriam:

1. Os heróis são apresentados no MUNDO COMUM, onde 2. recebem um CHAMADO À AVENTURA. 3. Primeiro, ficam RELUTANTES OU RECUSAM O CHAMADO, mas 4. num Encontro com o MENTOR são encorajados a fazer a 5. TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR e entrar no Mundo Especial, onde 6. encontram TESTES, ALIADOS E INIMIGOS. 7. Na APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA, cruzam um Segundo Limiar, 8. onde enfrentam a PROVAÇÃO. 9. Ganham sua RECOMPENSA e 10. são perseguidos no CAMINHO DE VOLTA ao Mundo Comum. 11. Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma RESSURREIÇÃO e são transformados pela experiência. 12. Chega então o momento do RETORNO COM O ELIXIR, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum (Vogler, 2006, p.46).

Cada uma dessas etapas desempenha um papel crucial no desenvolvimento do herói, levando-o a enfrentar desafios internos e externos, superar obstáculos e alcançar grande crescimento pessoal. Além disso, Vogler enfatiza a importância dos arquétipos, como o herói, o mentor, o guardião da porta e o inimigo que ajudam a enriquecer a história e a torná-la mais profunda, estabelecendo conexão emocional com o público.

Usando os princípios da Jornada do Herói de Vogler, escritores e cineastas podem criar histórias interessantes e impactantes para o público, explorando o tema universal da coragem, do sacrifício, da redenção e da mudança. Essa técnica de contar histórias continua a ser uma ferramenta valiosa para criar histórias impactantes e duradouras que transcendem culturas e gerações. Diante dessa perspectiva, é importante ressaltar que nem todos os estágios da jornada do herói propostos por Joseph Campbell e Christopher Vogler podem estar plenamente presentes ao analisarmos o personagem Santiago. No entanto, é durante o curso da análise que tais discrepâncias ou semelhanças se tornarão evidentes. Decidimos adotar as nomenclaturas de Vogler para analisar a Jornada do Herói na presente pesquisa.

4 A ODISSEIA DE SANTIAGO: DESVENDANDO A JORNADA DO HERÓI EM 'O VELHO E O MAR' DE HEMINGWAY

Em "O Velho e o Mar", conhecemos a história de Santiago, um pescador idoso e solitário que vive em uma pequena aldeia cubana. Apesar de sua idade avançada e das dificuldades que enfrenta, Santiago é determinado e corajoso. Sua jornada começa quando ele parte em uma expedição de pesca solitária que se transforma em uma batalha épica contra um peixe-espada. Ao longo dessa jornada, Santiago enfrenta vários desafios, e sua luta diante das adversidades faz dele um personagem emblemático. Essa narrativa pode ser analisada sob a perspectiva da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell, no livro "O Herói de Mil Faces" (2007) e adaptada pelo roteirista Christopher Vogler, em seu livro "A Jornada do Escritor" (2007).

4.1 Mundo comum

Segundo Campbell (2007), o mundo comum é o ambiente cotidiano em que o herói vive, um lugar calmo, geralmente um ambiente familiar. Porém, em certo momento, ele sente que há algo faltando, momento no qual se dá início à história. Nesse estágio, podemos observar como é a vida cotidiana do personagem, como ele constrói suas relações. Em O velho e o mar, essa etapa é apresentada quando o personagem Santiago está na esplanada:

Sentaram -se na Esplanada e alguns pescadores começaram a fazer troça do velho, mas ele não se zangou. Outros, os de mais idade, olharam para ele e sentiram-se tristes. Mas não o demonstraram e continuaram conversando, sem lhe dar importância, sobre as correntes e as profundidades a que tinham descido as suas linhas, sobre o bom tempo e as coisas que tinham visto ou feito durante o dia. [...] . Aqueles que tinham apanhado tubarões carregavam-nos para a fábrica do outro lado da baía, onde eram içados e limpos, os fígados extraídos, as barbatanas cortadas, as peles raspadas e a carne cortada em tiras para salgar (Hemingway, 2022, p.14-15).

A esplanada é um ponto central na história de Santiago, é lá que ele, Manolin e os outros pescadores passam mais tempo quando não estão no mar. Esse local é

palco de intensas interações sociais, onde as nuances das relações entre os personagens se revelam claramente. As atitudes variam, alguns fazem troça de Santiago, enquanto outros demonstram compaixão, ainda que de forma sutil. Essa dinâmica complexa entre os pescadores evidencia uma diversidade de personalidades e posturas dentro do grupo. Além das interações humanas, a narrativa descreve meticulosamente as atividades dos pescadores na esplanada. Desde a limpeza dos peixes até os preparativos para transporte ou processamento, cada detalhe pinta um retrato vívido da vida cotidiana de Santiago.

O segundo trecho retirado da obra apresenta mais sobre o cotidiano de Santiago:

Seguiram juntos pela rua em direção à cabana do velho e entraram pela porta que estava sempre aberta. O velho encostou à parede o mastro com as velas enroladas em volta e o garoto pôs a caixa e as outras coisas no chão. O mastro era quase da altura do único quarto da cabana, que era construída de guano, a resistente madeira das palmeiras-reais. Dentro só havia uma cama, uma mesa, uma cadeira e um canto no chão sujo, onde se podia cozinhar a carvão. Nas paredes castanhas do duro guano viam-se uma imagem colorida do Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre. Ambas eram relíquias de sua mulher. Em tempos, houvera na parede uma fotografia da esposa, mas ele a tinha tirado porque se sentia muito só ao olhá-la todos os dias; agora estava escondida numa prateleira, debaixo de sua camisa lavada (Hemingway, 2022, p.19).

A descrição da cabana de Santiago é fundamental para contextualizar o mundo comum. Trata-se de um espaço modesto, construído de guano, com poucos móveis e utensílios que sugere uma vida simples e despojada. A presença de elementos religiosos, como: as imagens do Sagrado Coração de Jesus e da Virgem de Cobre que é a padroeira de Cuba, adiciona profundidade ao ambiente, revelando traços da cultura e da fé do personagem. Além disso, a interação entre o velho e o garoto é evidente desde o momento em que entram juntos na cabana e realizam tarefas como guardar o mastro e outros objetos, sugerindo uma relação de confiança entre os dois personagens.

Quando Santiago remove a fotografia da esposa das paredes e a guarda debaixo da camisa, isso simboliza a solidão e a saudade que o velho sente por sua esposa. Representa, também, a presença constante dela em sua vida, mesmo após sua partida, e sua luta para lidar com a perda. As paredes de guano e o canto sujo onde se cozinha a carvão evocam uma atmosfera de rusticidade e simplicidade. A presença das lembranças da esposa adiciona uma camada de emoção e nostalgia ao ambiente, contribuindo para a caracterização do velho como alguém marcado pela experiência e pela memória.

Essas passagens oferecem uma visão reveladora do ambiente e das relações humanas na história, ao mesmo tempo em que incorporam elementos simbólicos e emocionais que enriquecem a narrativa. Assim, esses detalhes contribuem para criar uma sensação de imersão no mundo da história. No geral, essas passagens capturam cenas vívidas e ricas em detalhes, que contribuem para o desenvolvimento do mundo comum proposto por Joseph Campbell (2007).

4.2 Chamado à aventura

Christopher Vogler (2006) descreve o "Chamado à Aventura" como o momento crucial em que o herói é convocado para deixar o seu Mundo Comum e iniciar a jornada. Além disso, Joseph Campbell ressalta que:

Esse primeiro estágio da jornada mitológica — que denominamos aqui "o chamado da aventura" — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico (Campbell, 2007, p. 66).

Às vezes, esse chamado pode acontecer por meio de um mentor ou por outros meios que fazem com que o herói aceite ou não. No contexto de "O Velho e o Mar", o chamado à aventura para o protagonista Santiago é apresentado no início da história quando:

Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava em sua companhia um garoto para auxiliá-lo. Depois disso, os pais do garoto, convencidos de que o velho se tornara *salao*, isto é, um azarento da pior espécie, puseram o filho para trabalhar noutro barco, que trouxera três bons peixes em apenas uma semana. O garoto ficava triste ao ver o velho regressar todos os dias com a embarcação vazia e ia sempre ajudá-lo a carregar os rolos de linha, ou o gancho e o arpão, ou ainda a vela que estava enrolada à volta do mastro. A vela fora remendada em vários pontos com velhos sacos de farinha e, assim enrolada, parecia a bandeira de uma derrota permanente (Hemingway, 2022, pg.13).

A referência aos oitenta e quatro dias sem pegar peixe faz com que o cenário se apresente como desesperador para o protagonista. Esse período prolongado de fracasso destaca a persistência do velho em continuar pescando, apesar das dificuldades. A presença do garoto na vida do velho destaca uma relação de apoio e empatia. O fato de o garoto ainda ajudar o velho, mesmo após seus pais o tirarem de sua companhia, demonstra uma ligação emocional forte entre os dois personagens e de respeito com a decisão dos pais do garoto. É importante ressaltar a crença dos pais do garoto de que o velho se tornara um "salao", ou seja, um azarento, revela a importância das superstições e das crenças populares na vida dos pescadores (Tisera, 2021). Essa superstição também reflete a mentalidade da comunidade em relação ao sucesso na pesca e como isso afeta a reputação de um pescador.

A descrição da vela remendada com sacos de farinha como "a bandeira de uma derrota permanente" é altamente simbólica. Ela representa não apenas a luta contínua do velho contra a natureza, como também sua aceitação da derrota temporária como parte integrante da vida. Essa imagem também pode ser interpretada como uma metáfora da dignidade do velho diante da adversidade, pois ele continua lutando apesar das probabilidades contra ele.

O chamado à aventura para Santiago surge quando ele percebe que sua sorte na pesca está em declínio e que ele precisa provar a si mesmo e à comunidade que ele não é um *salao*, que ele está vivendo e que ainda é capaz de realizar grandes tarefas e de ter grandes conquistas. Ele decide desafiar as probabilidades e enfrentar o mar aberto em busca de uma pescaria, mesmo sabendo dos riscos envolvidos nessa empreitada solitária.

Esse chamado à aventura é motivado não apenas pela necessidade de sustento material, como também pela busca por redenção, pela demonstração de sua coragem e habilidade como pescador, e pela esperança de recuperar sua autoestima e respeito na aldeia.

4.3 Recusa ao Chamado

Esse estágio se apresenta quando o herói não aceita o seu “chamado à aventura” ou quando ele não aceita de início. Santiago é confrontado por uma última pescaria, essa é uma nova oportunidade para provar sua habilidade e reconquistar sua honra como pescador. Porém, Santiago sente medo de aceitar o desafio, devido às suas 84 experiências anteriores de fracasso, mas, em seguida, ele aceita. Joseph Campbell (2007) também aponta que:

Com frequência, na vida real, e com não menos frequência, nos mitos e contos populares, encontramos o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses. A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela "cultura", o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva (Campbell, p. 66-67).

Em alguns momentos, algumas pessoas podem ignorar esse chamado por conta de outros interesses, o que pode transformar a aventura em algo negativo. Mas quem recusa o chamado pode ficar aprisionado no seu tédio, por conta do seu estilo de vida. E no “O velho e o mar”, essa recusa ao chamado começa a aparecer logo no início de sua aventura.

Santiago hesita em aceitar o chamado porque está ciente dos desafios que enfrentará, especialmente considerando que as outras pessoas que convivem com ele na esplanada consideram-no um velho *salao* e que outros pescadores obtêm mais sucesso que ele. Além disso, ele teme o fracasso, a possibilidade de, mais uma vez, retornar sem sucesso. Ele também está ciente dos perigos do mar e das dificuldades que enfrentará sozinho.

Santiago -começou o garoto. - Que é? - perguntou o velho. Tinha o copo na mão e pensava nas suas aventuras de muitos anos atrás. - Posso sair com o barco para apanhar sardinhas para você amanhã? - Não, vá jogar beisebol. Eu ainda sei remar e o Rogério pode atirar as redes. -Mas eu gostaria de ir. Já que não posso ir pescar com você, queria ajudar de algum jeito. - Você me pagou uma cerveja - replicou o velho. - Agora já é um homem (Hemingway, 2022, pg.15).

Santiago recusa o oferecimento do garoto para ajudá-lo a apanhar sardinhas, justificando sua recusa ao afirmar que ainda é capaz de remar e que Rogério pode ajudar. Esse ato de recusa reflete a resistência de Santiago em aceitar que precisa de ajuda, demonstrando seu orgulho e desejo de manter sua independência. Santiago está imerso em suas memórias e aventuras passadas, talvez se recusando a reconhecer seu estado atual. Além disso, ele demonstra medo de levar Manolin novamente para pescar, Hemingway (2022, p.16) afirma que "Que idade eu tinha quando você me levou no barco pela primeira vez? - Cinco anos e você por pouco não morreu porque icei o peixe antes da hora e ele ia dando cabo do barco. Lembra-se?"

O desejo do garoto de lembrar essa memória pode ser interpretado como uma forma de chamar Santiago a reconhecer a importância de sua parceria e,

implicitamente, permitir que ele participe novamente na pesca. A recusa de Santiago, ao focar na história do perigo e na imprudência, está indiretamente rejeitando o chamado do garoto para voltar a uma relação mais ativa na pesca. Ele usa o exemplo do perigo passado para justificar a sua hesitação em aceitar a ajuda do garoto novamente.

No entanto, mesmo com todas essas dúvidas, Santiago finalmente aceita o desafio, mostrando sua coragem e determinação. Ele escolhe enfrentar o desafio, apesar de todos os riscos, porque isso é fundamental para sua própria identidade como pescador. Essa recusa inicial ao chamado, seguida pela aceitação, é uma parte importante do desenvolvimento do personagem de Santiago, ilustrando sua luta interior entre o medo do fracasso e o desejo de provar a si mesmo que ainda é capaz de pescar novamente.

4.4 Encontro com o Mentor

Dentro da estrutura proposta por Christopher Vogler (2007), o encontro com o mentor é um momento crucial na jornada do herói, quando o protagonista recebe orientação, conselhos ou presentes que o ajudam em sua jornada. Em Joseph Campbell (2007, p. 74), “todos aqueles que não recusarem o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói vai ser com uma figura protetora, que pode oferecer poderes e aventuras com as coisas que estão prestes para acontecer”. Em “O Velho e o Mar”, o encontro com o mentor se dá quando Santiago avista uma ave:

A ave ajuda-me muito - disse o velho. Nesse mesmo instante a linha da popa deu um esticão e ele largou os remos, sentindo o peso da pequena albacora puxando freneticamente (Hemingway, 2022, p. 41).

No contexto da história, a ave pode ser interpretada como um mentor simbólico para Santiago. Embora não seja um mentor tradicional, como uma figura humana sábia, a ave desempenha o papel de guia e aliada, oferecendo sinais e assistência no vasto mar. Santiago reconhece a ajuda da ave, destacando sua importância. A presença da ave parece orientar Santiago, ajudando-o a localizar peixes, o que é vital para sua sobrevivência e sucesso como pescador. Imediatamente após reconhecer a ajuda da ave, Santiago recebe um sinal tangível de sucesso: a linha da popa se estica, indicando que ele pegou um peixe. Esse evento reforça a ideia de que a ave como mentora está facilitando sua jornada e auxiliando diretamente em seus esforços. Segundo Kathleen (2012, p. 240), “os pássaros conhecem o caminho e leem os sinais das estações”.

Em seu estudo, Kathleen (2012) analisa o simbolismo das aves e destaca como essas criaturas aladas são frequentemente associadas à liberdade e à transcendência. No seu livro, é defendido que as aves representam a ambição humana de superar os obstáculos da vida e atingir um patamar superior de existência através do voo. Além disso, ela ressalta que as aves são associadas a qualidades espirituais e emocionais variadas em diferentes culturas, o que faz delas símbolos com riqueza e complexidade na literatura e nas artes.

Na obra em análise, ao em vez de um mentor humano, Santiago recebe orientação da natureza. A ave representa um vínculo com o ambiente natural, mostrando que o velho não está sozinho em sua luta, mas está em comunhão com as forças ao seu redor. A ajuda da ave e a captura do peixe confirmam que Santiago está no caminho certo. Isso aumenta sua confiança e determinação para continuar sua árdua jornada, sabendo que ele pode contar com a orientação da natureza. A ave não

fala nem dá conselhos explícitos, mas sua presença e comportamento fornecem sinais valiosos para Santiago.

A ave simboliza um mentor natural que oferece orientação e ajuda crucial no momento certo. A resposta imediata de Santiago ao sinal da ave, resultando na captura de um peixe, valida sua percepção e fortalece sua determinação. Esse encontro é fundamental para capacitá-lo a continuar enfrentando os desafios do mar, demonstrando que o herói pode encontrar mentores e aliados em formas inesperadas, conectando-se profundamente com o mundo natural ao seu redor.

4.5 Travessia do primeiro Limiar

Segundo Vogler (2006), esse seria o momento em que o herói se compromete com a aventura. Na narrativa em análise, “A passagem pelo primeiro limiar” é representada quando Santiago se afasta do local habitual onde ele costumava pescar, essa passagem é apresentada por:

Andei experimentando os poços mais fundos durante uma semana e não consegui nada", pensou. "Hoje vou tentar mais para o largo, por onde andam os cardumes de peixes menores, e pode ser que encontre um grande entre eles (Hemingway, 2022, p. 33).

Nesse momento, observamos que o personagem busca ir mais longe, para o largo, para que ele possa ter sucesso em sua nova tentativa de pescar. Santiago está decidido a seguir um novo caminho. Ele não apenas reconhece a necessidade de mudança, como age sobre essa percepção. Isso representa um compromisso firme com a aventura que está por vir. Ao decidir ir mais para o largo, Santiago enfrenta riscos e incertezas. Ele não sabe o que encontrará, mas está disposto a enfrentar o desconhecido, um elemento essencial para a travessia do primeiro limiar. Além disso, apresentam-nos que:

O sol levantou-se do mar e o velho Santiago enxergou os outros barcos, lá mais para terra, espalhando-se pela corrente. Depois o sol começou a tornar-se mais forte, as águas começaram a brilhar e, então, quando se ergueu mais alto, o mar liso refletiu-se-lhe nos olhos, incomodando-o muito, e teve de remar desviando o olhar. [...] O velho mantinha sempre as linhas mais a direito do que todos os outros pescadores para que, a cada nível da profundidade da corrente, houvesse sempre engodo à espera, exatamente onde ele o queria, para qualquer peixe que por lá passasse. (Hemingway, 2022, p.34).

Esse momento é simbolizado pelo próprio ato de Santiago adentrar o mar aberto de Havana em sua jornada. Ao sair da segurança da costa e se aventurar nas águas profundas do mar, Santiago está atravessando um limiar simbólico que marca o início de sua jornada. Ele abandona a relativa segurança da terra firme e mergulha no vasto e imprevisível oceano, onde enfrentará os desafios físicos e mentais de sua pescaria solitária. Essa travessia do primeiro limiar representa uma mudança física de ambiente e uma transformação interna para Santiago.

Ele está se distanciando da familiaridade de sua vida na aldeia e se lançando em uma nova jornada, na qual ele precisará confiar em sua habilidade, coragem e resiliência para enfrentar os desafios que o esperam. Sendo assim, a travessia do primeiro Limiar em "O Velho e o Mar", conforme interpretado por Joseph Campbell e adaptada por Christopher Vogler, é representada pelo momento em que Santiago

deixa a costa e se aventura no mar aberto, marcando o início de sua jornada heroica rumo ao desconhecido e à busca pelo grande.

4.6 Testes, aliados e inimigos

A fase dos "Testes, aliados e Inimigos" é a sexta etapa da jornada do herói, na qual o protagonista enfrenta uma série de desafios, encontra aliados que o ajudam na sua jornada e enfrenta inimigos que representam obstáculos a superar. Sobre Testes, aliados e inimigos, Campbell comenta que:

A ideia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu (2007, p.91).

Em "O Velho e o Mar", esses elementos podem ser interpretados de maneiras diferentes. Os testes enfrentados por Santiago incluem os desafios físicos e mentais que ele encontra enquanto luta para capturar o peixe, logo de início nos é apresentado nesta passagem qual é o começo dos testes;

O sol estava muito mais quente e o velho o sentiu na parte posterior do pescoço, de onde o suor lhe escorria pelas costas enquanto remava. "Podia ir à deriva", pensou, "e dormir um pouco com a ponta da linha atada no pé para me acordar se algum peixe morder. Mas hoje é o octogésimo quinto dia e devo pescar o melhor possível." Neste momento, quando examinava as linhas, viu uma das varas verdes dobrar-se violentamente. (Hemingway, 2022, p.44).

Santiago enfrenta o teste físico do calor intenso e do cansaço acumulado. O sol escaldante e o suor simbolizam os desafios ambientais que ele deve superar para continuar sua jornada de pesca. Santiago considera a possibilidade de ir à deriva e dormir um pouco, amarrando a linha ao pé para ser acordado por um peixe. Essa tentação de desistir temporariamente de sua vigilância e esforço contínuo é um teste de sua disciplina e determinação.

O número 85 é significativo para Santiago. Ele reconhece que este é um dia crucial em sua longa série de insucessos e que deve se esforçar ao máximo. Esse é um teste de sua perseverança e resistência psicológica. Seus instintos e determinação servem como aliados internos. Mesmo quando tentado a descansar, sua determinação o motiva a continuar a trabalhar arduamente.

A vara de pescar pode ser vista como um aliado passivo, pois é o instrumento que sinaliza a presença de um peixe. Quando ela se dobra violentamente, indica que Santiago finalmente encontrou um adversário digno, proporcionando-lhe uma nova oportunidade e esperança. O tempo, simbolizado pelos longos 84 dias anteriores sem pescar nada, é um inimigo persistente. Cada dia que passa sem sucesso aumenta a pressão e o desgaste psicológico sobre Santiago.

4.7 Aproximação da Caverna oculta

Segundo Campbell (2007), a aproximação da Caverna Oculta é a etapa na qual o herói se prepara para enfrentar seu maior medo/desafio, reunindo coragem, estratégias e recursos para o confronto iminente.

Mas que peixe! - exclamou. - Agarrou o atum e está afastando-se com ele na boca. "Depois há de parar, dar uma reviravolta e engoli-lo", pensou o velho pescador. Não disse isto em voz alta, porque sabia que, se dissesse uma coisa boa, talvez ela não acontecesse. Estava certo de que se tratava de um peixe enorme e imaginou-o movendo-se na escuridão com o atum atravessado na boca. Sentiu-o parar, mas o peso ainda continuava presente. Depois o peso aumentou e deu-lhe mais linha. Apertou a pressão do polegar e do indicador durante um momento e o peso tornou a aumentar, afastando-se rapidamente para baixo. Já trincou a isca! - exclamou o velho, muito feliz. - Agora tenho de deixá-lo comê-la em paz (Hemingway, 2022, p.46).

Santiago percebe que fogueu um peixe enorme, possivelmente, o maior desafio de sua carreira de pescador. Este reconhecimento marca a aproximação de seu "calabouço mais profundo", onde ele enfrentará uma batalha significativa. Santiago sabe que precisa agir com paciência e estratégia, permitindo que o peixe coma a isca em paz, demonstrando sua experiência e sabedoria adquiridas ao longo dos anos. Ele não pode se apressar ou agir precipitadamente, pois o sucesso depende de sua habilidade de esperar o momento certo.

A passagem reflete a tensão e a cautela de Santiago enquanto sente o peso do peixe aumentar e o vê afastar-se com a isca. Sua felicidade é contida, pois ele sabe que ainda há um longo caminho a percorrer antes de poder considerar a captura como certa. O peixe enorme simboliza tanto o desafio final quanto a esperança de redenção para Santiago. Capturá-lo não é apenas uma questão de orgulho profissional, trata-se também de uma prova de seu valor e de sua capacidade como pescador, após uma longa série de insucessos.

Em resumo, essa passagem encapsula a "Aproximação da Caverna Oculta" na jornada de Santiago. Ele está no limiar de seu maior desafio, reunindo coragem, habilidades e uma estratégia cuidadosa para enfrentar o peixe que representa a culminação de sua luta e esperança.

4.8 Provação

Joseph Campbell (2007) afirma que essa etapa é um momento de intensa crise e confronto que o herói enfrenta em sua jornada. O protagonista enfrenta seu maior desafio ou inimigo, onde tudo está em jogo e ele deve usar todas as habilidades e lições aprendidas ao longo da jornada.

"A sua escolha inicial fora se esconder nas águas escuras e profundas, para além de todos os laços, armadilhas e traições. A minha escolha fora ir procurá-lo onde jamais alguém ousara ir." Sim, onde jamais alguém ousara ir. E agora estavam ligados um ao outro e assim se encontravam desde o meio-dia. E não havia ninguém para ajudar nem a um nem a outro (Hemingway, 2022, p.53).

Santiago reflete sobre sua escolha de procurar o peixe nas profundezas onde ninguém mais ousaria ir. Ele está agora ligado ao peixe desde o meio-dia, enfrentando a solidão absoluta sem ajuda. Este trecho destaca a escolha consciente de Santiago de enfrentar os perigos do mar. Ele se encontra em uma situação de isolamento total, simbolizando a provação do herói que deve enfrentar seu desafio mais profundo e pessoal, sem auxílio. Essa escolha de ir "onde jamais alguém ousara ir" exemplifica a coragem e determinação necessárias para a provação.

Mudando o peso da linha para o ombro esquerdo e ajoelhando-se cautelosamente, lavou a mão no oceano e deixou-a ficar, submersa, durante mais de um minuto, observando o sangue que se espalhava pela água e o movimento da água de encontro à mão à medida que o barco avançava (Hemingway, 2022, p.60).

Santiago lava a mão ferida no oceano, observando o sangue que se espalha na água enquanto o barco avança. Aqui, a provação é física e mental. Santiago está lidando com a dor e o esforço contínuo de segurar a linha, simbolizando a resistência e resiliência exigidas durante a provação. O ato de lavar a mão ferida representa um momento de cuidado consigo mesmo em meio à adversidade, uma necessidade de perseverar apesar do sofrimento físico.

"Detesto cãibras", pensou o velho pescador. "É uma traição do corpo. É humilhante ser atacado de diarreia devido a um envenenamento de ptomaínas ou, pela mesma causa, nos vemos obrigados a vomitar." Mas uma cãibra, se não era humilhante ante os outros, humilhava-o diante dele mesmo, muito especialmente quando estava sozinho (Hemingway, 2022, p.64).

Santiago reflete sobre como detesta cãibras, considerando-as uma traição de seu próprio corpo. Ele sente a humilhação dessa fraqueza, especialmente quando está sozinho. Este trecho aborda a provação interna de Santiago, lutando contra as limitações e traições de seu próprio corpo. A cãibra é um obstáculo físico que o humilha, e enfrentar essa vulnerabilidade é uma parte essencial de sua provação. Esta traição corporal é uma metáfora para os desafios internos que o herói deve superar, não apenas os externos.

Esses trechos ilustram diferentes aspectos da "Provação" na Jornada do Herói de Santiago, conforme descrito por Joseph Campbell. Santiago enfrenta a solidão extrema, a dor física e a traição de seu próprio corpo, cada um representando um aspecto crítico da provação. Através desses desafios, Santiago demonstra coragem, resiliência e uma profunda luta interna, elementos que são essenciais para a transformação do herói e a eventual conquista de sua jornada.

4.9 Recompensa

A recompensa é o momento em que o herói alcança o seu objetivo, que muitas vezes é um triunfo que valida seu esforço e sacrifício. Para Santiago, o grande peixe que ele finalmente captura e mata representa essa recompensa. Após uma longa e árdua batalha, ele obtém a vitória desejada:

O velho sentia-se tonto e agoniado, e não podia ver bem. Mas limpou a linha do arpão e a fez deslizar pelas mãos em carne viva e, quando recuperou a vista completamente, verificou que o peixe estava flutuando sobre o dorso, a barriga prateada virada para cima. A ponta farpeada do arpão projetava-se em ângulo no dorso do peixe e o mar estava colorido com o sangue vermelho do seu coração. Primeiro a água se tornara muito escura naquele mar tão azul com mais de uma milha de profundidade. Depois se espalhou como uma nuvem. O peixe era prateado e estava imóvel, flutuando ao sabor das ondas (Hemingway, 2022, p.95).

A passagem sublinha o sacrifício físico e o esforço extremo que Santiago teve que suportar. Suas mãos estão em carne viva e ele se sente tonto e agoniado. Esses detalhes destacam o preço que ele pagou para obter sua recompensa, enfatizando o

valor e a significância de sua conquista. Recuperar a visão e ver o peixe prateado flutuando simboliza um momento de clareza e realização para Santiago. A visão do peixe morto, com o sangue colorindo o mar, é a concretização de sua luta e determinação.

O peixe prateado com a barriga virada para cima, morto após uma intensa batalha, é o troféu de Santiago. Ele não é apenas um peixe grande, é o símbolo de sua perseverança, habilidade e tenacidade. É a validação de sua identidade como um grande pescador. O mar, profundo e azul transformado pela cor vermelha do sangue do peixe, representa o ambiente inóspito e desafiador que Santiago teve que dominar para conseguir sua recompensa. A imagem da água escura e depois espalhando-se como uma nuvem reforça a magnitude de sua conquista. Santiago está exausto e ferido, mas há uma satisfação implícita em sua observação do peixe morto. A recompensa não é apenas física, mas também emocional e espiritual.

4.10 O caminho ao mundo comum

O herói começa a viagem de volta, trazendo consigo a recompensa. Santiago, ao preparar o peixe e começar a navegar, demonstra que está no caminho de volta para casa. Esse é o primeiro passo para reentrar no mundo comum com sua conquista:

Não tenho a cabeça boa para contas. Mas penso que o grande DiMaggio se orgulharia muito de mim, hoje. Não tenho esporas no osso. Mas as costas e as mãos doem-me de verdade. Gostaria de saber o que é uma espora de osso. Talvez eu tenha uma sem saber. Prendeu o peixe fortemente à proa, à popa e ao banco transversal. Era tão grande que mais lhe parecia estar atando à sua embarcação um barco muito maior. Cortou um pedaço de linha e amarrou a mandíbula inferior à espada para que a bocarra não pudesse abrir e navegassem da melhor maneira possível. Depois fixou o mastro e, com a vara que fazia de carangueja e com os botalós armados, içou a vela. O barco começou a mover-se, e com a popa meio metida na água dirigiu-se para o sudoeste (Hemingway, 2022, p.97).

Santiago reconhece seu próprio sofrimento físico, por exemplo, as costas e mãos doloridas. A menção à "espora de osso" simboliza as batalhas e dores, tanto físicas quanto emocionais que ele enfrentou durante sua jornada. Esse reconhecimento do sacrifício pessoal é um componente essencial do retorno ao mundo comum, onde o herói compreende o custo de sua vitória. Santiago amarra o peixe ao barco, toma precauções para assegurar que ele não se perca no retorno, e içar a vela para começar a viagem de volta. Estes atos são preparativos cuidadosos, simbolizando a transição do herói do mundo extraordinário de desafios de volta ao mundo comum, com a esperança de trazer sua conquista com ele.

A maneira meticulosa com a qual Santiago prende o peixe ao barco e prepara a navegação reflete a necessidade de salvaguardar a recompensa obtida. Ele entende que a jornada ainda não acabou e que novos desafios podem surgir a qualquer momento. A comparação com Joe DiMaggio, jogador ícone do beisebol americano, um símbolo de excelência e perseverança, reforça o senso de realização de Santiago e a importância de sua conquista. DiMaggio simboliza o ideal de sucesso e resistência, qualidades que Santiago aspira e acredita ter demonstrado.

Sendo assim, essa passagem ilustra o "Caminho de Volta" de Santiago na Jornada do Herói. Ele reflete sobre sua conquista, reconhece o sacrifício feito e se

prepara cuidadosamente para retornar ao mundo comum, trazendo consigo o fruto de seu esforço. Esta etapa é crucial, pois mostra que, mesmo após a obtenção da recompensa, o herói ainda enfrenta desafios e deve integrar sua experiência ao retornar ao seu mundo original.

4.11 Ressurreição

Ressurreição é a penúltima etapa da jornada do herói, sobre isso Vogler fala que:

A Ressurreição é o exame final do herói, sua chance de mostrar tudo o que aprendeu. Os heróis são totalmente purgados pelo sacrifício final ou pela experiência profunda dos mistérios da vida e da morte. Alguns não conseguem ultrapassar esse ponto perigoso. Mas os que sobrevivem seguem adiante e fecham o círculo da Jornada do Herói, em seu Retorno com o Elixir (p.209-210).

O Vogler ressalta que a ressurreição é o ponto crucial do herói, realçando a importância dessa etapa. Nesse momento, o herói deve aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da jornada. O teste final não é um desafio simples, mas, sim, uma prova que sintetiza todas as experiências anteriores e exige muito mais.

Como já foi mencionado, Santiago, o protagonista, é um pescador idoso que tem enfrentado uma série de fracassos. Ele não consegue pescar um peixe grande há 84 dias, o que o deixa desesperado e questionando seu valor e habilidade. Sua tentativa de capturar o marlim é, de certa forma, uma busca pela recuperação da própria dignidade e prova para si mesmo que ainda é um pescador competente.

A luta pela renovação pode ser vista como uma metáfora da batalha épica entre Santiago e o marlim. Santiago vê a captura desse peixe como uma chance de se renovar, já que o peixe simboliza um desafio gigantesco. Ele coloca toda a sua energia, habilidade e resistência na tarefa que simboliza um processo de purificação e renovação espiritual. Apesar de seu cansaço e ferimentos, Santiago consegue capturar o peixe, representando uma vitória pessoal e um renascimento espiritual.

Além disso, Kathleen (2012) explora o simbolismo do peixe, destacando como ele frequentemente representa profundidade espiritual e transformação. Em seu livro, ela afirma que "os peixes simbolizam facilmente a nossa participação perdida nesse mundo arcaico e inconsciente, essa que em contos de fadas representam como um anel de ouro que um peixe traz como presente na boca ou no estômago" (p. 202). Ela também menciona que, em diversas culturas, os peixes são vistos como símbolos de fertilidade e renascimento, refletindo sua capacidade de prosperar em ambientes aquáticos desafiadores.

Quando Santiago voltou para a vila, ele levava consigo os restos parcialmente devorados do marlim pelos tubarões. Embora não tenha sido capaz de trazer o peixe inteiro, os ossos do marlim são uma prova concreta de sua luta e habilidade. Ademais, Cirlot (2001) explora o simbolismo dos ossos, afirmando que eles representam a durabilidade e a essência vital que permanece após a morte. Ele destaca que, em muitas culturas, os ossos são vistos como símbolos de força e resistência, além de servirem como um lembrete da continuidade da vida e do legado ancestral.

A comunidade reconhece o feito de Santiago, em particular o jovem Manolin, simbolizando uma ressurreição social. Ele não é mais visto como um velho fracassado, mas, sim, como um homem que enfrentou uma grande batalha e saiu

vitorioso com muito estilo. Também indica uma mudança na forma como é percebido pelos outros e em como se vê a si mesmo.

Em "O Velho e o Mar", a ressurreição pode ser interpretada como a renovação da esperança, do espírito e da dignidade de Santiago. Através de sua jornada e luta, ele passa por uma transformação que o capacita a emergir com um novo entendimento sobre si mesmo e seu papel no mundo, mesmo que a vitória não seja plenamente materializada. Dessa forma, a concepção de Vlogger sobre a ressurreição pode evidenciar como a obra trata o tema do renascimento pessoal diante da adversidade.

4.12 Retorno com o elixir

Nesse estágio final na jornada do herói, ele retorna ao mundo comum, mas agora transformado pela experiência que teve. Em "O Velho e o Mar", essa fase pode ser vista como o momento em que Santiago retorna à aldeia após sua jornada no mar, mas agora transformado pela sua experiência de enfrentar o grande peixe-espada e os desafios que surgiram durante a captura. Ao retornar à aldeia, Santiago não apenas traz consigo a história de sua luta épica com o peixe, como também uma profunda transformação interna. Sua jornada no mar testou sua coragem e habilidades como pescador e ensinou-lhe lições importantes sobre perseverança, resiliência e aceitação.

Finalmente, o velho acordou.

- Não se sente -disse o garoto. -Beba isto.

Encheu um copo com café e deu-lhe.

O velho pegou-o e bebeu-o todo.

- Venceram-me, Manolin -falou a custo. -Venceram-me, de verdade.

- Ele não o venceu. O peixe, não.

- Não. Você tem razão. Foi depois.

- O Pedrito está tomando conta do barco e da tralha. O que quer que façam

(Hemingway, 2022, p.120).

Santiago admite que foi vencido, mas não pelo peixe. Esta admissão é crucial. Ele reconhece a derrota não como uma falha pessoal, mas como um resultado das circunstâncias além de seu controle. Esse reconhecimento demonstra humildade, atitude nobre.

Manolin, o garoto, corrige Santiago, afirmando que o peixe não o venceu. Santiago aceita esta correção, indicando que ele entende que sua luta e esforço não foram em vão. Esta interação demonstra uma sabedoria adquirida, uma percepção de que a verdadeira derrota não está na perda material, mas na desistência ou na falta de esforço.

Santiago retorna como alguém que passou por uma transformação. Ele não é mais apenas um velho pescador azarado, ele é um herói que enfrentou um grande desafio e que agora possui uma compreensão mais profunda de sua própria resistência e valor. Santiago demonstra humildade ao admitir que foi vencido, mas também mostra aceitação da realidade. Ele não se agarra à ilusão de uma vitória absoluta, ele entende e aceita as nuances de seu esforço e de sua experiência.

A presença de Manolin e a interação entre eles sugerem a passagem de sabedoria e experiência de uma geração para outra. Santiago, apesar de sua derrota, deixa um legado de coragem, perseverança e dignidade que Manolin poderá levar adiante.

Ao reconhecer que foi "vencido", Santiago está compartilhando uma importante lição com Manolin: a de que a dignidade e o valor não são definidos apenas pelo sucesso material. Eles são definidos, também, pela coragem de enfrentar desafios e pela aceitação das próprias limitações. Santiago volta ao mundo comum, mas ele não é mais o mesmo. A mudança nele altera sua relação com o mundo ao seu redor, representada pela sua interação com Manolin. É possível observar o processo de individuação proposto por Jung (2022). Ele retorna com uma nova perspectiva que pode influenciar e inspirar os outros.

Essa passagem reflete o "Retorno Transformado" de Santiago, de acordo com a Jornada do Herói de Joseph Campbell (2007). Ele retorna ao mundo comum com uma nova compreensão e sabedoria adquiridas através de sua luta. Essa transformação é evidenciada pela aceitação de sua derrota, a clareza sobre o que significa realmente ser vencido, e o fortalecimento de seus laços com Manolin.

Santiago não só retorna com a experiência de sua jornada, mas também com uma nova visão que pode enriquecer a vida daqueles ao seu redor, especialmente do garoto que o admira e cuida dele.

Conforme proposto por Jung (2022), há uma profunda interconexão entre a narrativa mítica e o desenvolvimento psicológico individual ao associar os estágios da jornada com o processo de individuação. A busca pelo *self* é retratada na jornada do herói, que envolve a partida, iniciação e retorno. Durante essa jornada, o indivíduo confronta seu inconsciente e enfrenta os aspectos sombrios de sua psique (chamados de sombra), além de descobrir recursos internos antes desconhecidos. O processo de confronto e integração desempenha um papel fundamental no crescimento psicológico completo e na formação da verdadeira identidade, o que permite às pessoas superarem as restrições do ego e alcançarem paz interior.

No âmbito da individuação, cada fase do desenvolvimento psicológico é equiparada a uma etapa na jornada heroica. A partida representa o despertar da mente para a importância da transformação e do conhecimento próprio. Durante a iniciação, há uma passagem através de provações e um encontro com o inconsciente, por meio do qual ocorre a integração da sombra com outros arquétipos. Por fim, o retorno implica na reintegração de si mesmo transformado na vida diária, trazendo consigo uma sabedoria e equilíbrio renovados.

Dessa forma, os estágios da jornada não se limitam apenas a narrativas míticas, também são metáforas poderosas para o processo de individuação, ao ilustrar a jornada interna que leva à realização plena do potencial humano.

5 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica fundamentada na pesquisa bibliográfica e na análise qualitativa, com ênfase na obra "O Velho e o Mar" à luz da jornada do herói de Joseph Campbell. A pesquisa bibliográfica constitui a base metodológica deste estudo, conforme preconizado por Gil (2008). Esse método é essencialmente desenvolvido a partir de material já elaborado, principalmente, livros e artigos científicos. Nesse contexto, foram consultados diferentes recursos bibliográficos, a saber: artigos científicos, teses e livros que abordam conceitos relacionados à jornada do herói e ao simbolismo presente na obra "O Velho e o Mar".

Segundo Gil (2008), as pesquisas com alinhamentos bibliográficos são conduzidas por meio da análise de teorias previamente publicadas. Assim, este estudo buscou embasamento teórico em diversas fontes, visando compreender e contextualizar a jornada do herói conforme proposta por Joseph Campbell. Além da

pesquisa bibliográfica, adotou-se uma abordagem qualitativa. Conforme sugerido por Flick (2007), integrando a triangulação de métodos e dados, e por Gerhardt e Silveira (2009), refletindo criticamente sobre o processo de pesquisa, assim como Moreira e Caleffe (2008) que destacam a necessidade de clareza e rigor metodológico. Essa pesquisa consiste em uma análise interpretativa a partir da teoria, assegurando uma compreensão aprofundada e contextualizada do tema estudado.

Essa abordagem permite explorar e descrever os dados para compreender as características individuais e os significados presentes na obra analisada. De acordo com Moreira e Caleffe (2008), a abordagem qualitativa busca explorar as características individuais e os significados presentes nos dados, enquanto Gerhardt e Silveira (2009) destacam a importância de evidenciar o "universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" presentes nos fenômenos estudados. Portanto, a combinação da pesquisa bibliográfica com a abordagem qualitativa permite uma análise abrangente da obra "O Velho e o Mar" à luz da jornada do herói de Joseph Campbell, proporcionando uma compreensão mais ampla e detalhada dos temas abordados neste estudo. Levando em consideração que os resultados obtidos dizem respeito à obra analisada e não tem pretensão de estabelecer variáveis quantificáveis e nem conclusões universais.

6 CONCLUSÃO

Analisou-se como os estágios da jornada do herói, propostos por Joseph Campbell (2007) e Christopher Vogler (2006), aparecem na obra "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway, e como fornecem uma nova visão sobre a luta e a persistência de Santiago perante o desafio de pescar o gigantesco marlim no golfo. A investigação das etapas da jornada do herói na obra de Hemingway possibilitou a identificação de eventos e momentos-chave que espelham a trajetória de Santiago.

O principal objetivo do artigo era examinar as fases da jornada do herói desempenhadas pelo personagem Santiago, enfatizando eventos e momentos cruciais que ilustravam seu caminho em direção ao autoconhecimento e à redenção, além de investigar a simbologia presente na narrativa. Para isso, foi feita uma correspondência rica e detalhada entre a obra de Hemingway e o modelo proposto por Campbell (2007), adaptado por Vogler (2006), para compreender os estágios da jornada do herói.

Cada fase da jornada do herói proposta por Campbell e Vogler foi claramente representada, desde o chamado à aventura com a decisão de Santiago de navegar para além do conhecido em busca do marlin, passando pelas provações e desafios enfrentados durante a luta contra o peixe-espada, até o retorno simbólico com o esqueleto do animal.

Observou-se que a jornada estabelecida pelo personagem Santiago na obra representa, simbolicamente, o processo de individuação proposto por Jung (2022) no qual a busca pelo *self* é retratada nessa sua jornada que envolve a partida, iniciação e retorno físico e metafísico. Pois, durante esse período, Santiago confronta seu inconsciente e enfrenta os aspectos sombrios de sua psique, desempenhando um papel fundamental no crescimento psicológico a partir do confronto e posterior integração de si em si mesmo, o que permite às pessoas superarem as restrições do ego e alcançarem uma paz interior.

A análise mostrou que é possível refletir plenamente a trajetória de Santiago em "O Velho e o Mar" usando a lente da jornada do herói. A obra de Hemingway não só conta uma história de luta e resistência, mas também aborda temas universais às

figuras humanas: humildade, perseverança, autoconhecimento, resiliência, superação e redenção. Por se tratar de um estudo interpretativo, consideramos que futuras pesquisas poderiam promover diferentes interpretações acerca da obra em questão, como também ampliar este estudo para outras obras do autor, ou explorar diferentes narrativas sob a perspectiva da jornada do herói, continuando a revelar a profundidade e complexidade das histórias humanas contadas ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA SUECA. **The Nobel Prize in Literature 1954**. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1954/summary/>. Acesso em: 21 maio de 2024.
- BAKER, C. **Ernest Hemingway: A Life Story**. New York: Charles Scribner's Sons, 1969.
- BAKER, C. **Ernest Hemingway: A Life Story**. New York: Scribner's, 1969.
Hemingway and his Critics. New York: Hill and Wang, 1966.
- BLOOM, H. **Ernest Hemingway's The Old Man and the Sea**. New York: Chelsea House, 2007.
- BRENNER, G. **Conversations with Ernest Hemingway**. Jackson: University Press of Mississippi, 1964.
- BROER, L. R. **Hemingway's Spanish Tragedy**. University: University of Alabama Press, 1988.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. 14 ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2007.
- CIRLOT, J. E. **A Dictionary of Symbols**. New York: Philosophical Library. 2001.
- DONALDSON, S. **By Force of Will: The Life and Art of Ernest Hemingway**. New York: Viking Press, 1996.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman editora, 2009.
- GRIFFIN, P. **Along with Youth: Hemingway, the Early Years**. New York: Oxford University Press, 2000.
- GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- HEMINGWAY, E. **O velho e o mar**. 78. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil. 2013.
- JUNG, C. G. **Símbolos de transformación**. 4. ed., Aires, Paidós, 1962. Buenos.

JUNG, C. G. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Traduzida por Maria Luiza Appy Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

JUNG, C. G. et al. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Rio de Janeiro, 2022.

KATHLEEN, M.; RONNBERG, A. **O livro dos Símbolos**: reflexões sobre imagens arquetípicas. 2012.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MELLOW, J. R. **Hemingway: A Life Without Consequences**. Boston: Houghton Mifflin, 1992.

MEYERS, J. **Hemingway: A Biography**. New York: Harper & Row, 1985.

REYNOLDS, M. S. **Hemingway: The Final Years**. New York: W.W. Norton & Company, 1999.

SPIILKA, M. **_Hemingway's Quarrel with Androgyny_**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1982.

TISERA, Facundo. **Efemérides. Hemingway y El viejo y el mar: una novela épica em menos de cien páginas**. 2021. Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com/Hemingway-y-El-viejo-y-el-mar-una-novela-epica-en-menos-de-cien-paginas>. Acesso em: 12 jun. 2024.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Traduzida por Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

VON FRANZ, M. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. Traduzido por Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a minha mãezinha Nossa Senhora Aparecida.

Aos meus ancestrais.

A meu orientador, o professor Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, pela orientação, por todo o suporte que foi dado durante a escrita, também agradeço pela forma que ele trabalha com a literatura, isso me fez gostar e me apaixonar pela área.

A minha mãe, que mesmo distante, me apoiou.

A Dona Maria Alves que me deu suporte desde criança.

A minha tia Edileuza que também esteve me apoiando.

A meus irmãos que a vida me deu, Pedro Sabino, Daniel Pedro, Leonardo Virginio que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis da minha vida.

A minha irmãzinha que a UEPB me deu, Amanda Ramos, que esteve presente em vários momentos na graduação e na minha vida, obrigado por tudo.

A Ana Vitória e Mayara que me deram um grande suporte em um dos momentos que eu mais precisava.

A minhas amigas Madjore, Bianca que sempre estiveram me apoiando e me fazendo dar várias risadas.

A minha amiga Israelly Monteiro, que eu conheci no EJC e me deu vários conselhos.

A meu amigo Marcos Felipe que, mesmo morando no estado do Pernambuco, sempre esteve presente nos últimos anos.

Aos amigos do curso de Letras Inglês, Lucas Medeiros, Hélio, Roberto, Jonathan Lucena, Wallison.

A todos os amigos e colegas que fiz no programa STEAM coordenado pelo professor Gil.

A todos os amigos que fiz na UFCG, Grace, Marcelino, Neto Lima.

Também agradeço a Ernest Hemingway por me lembrar que “Um homem pode ser destruído, mas não derrotado”.